

Feminilidade, entre Psicanálise e Cultura: Esboços de um Conceito

MÁRCIA ARÁN¹

RESUMO

Este ensaio procura analisar algumas formulações do conceito de feminilidade nos trabalhos de três autores — Monique Schneider, Joel Birman e Monique David-Ménard — no campo da psicanálise, com o objetivo de tecer um novo território para pensar novas formas de subjetivação na cultura contemporânea. Os principais pontos analisados são: uma crítica à centralidade da idéia do Édipo e do complexo de castração na teoria psicanalítica; uma releitura da idéia de corpo erógeno, com o objetivo de fundamentar metapsicologicamente a idéia de um excesso pulsional; a proposta de pensar a subjetivação a partir de um modelo estético e ético. Parte de uma crítica à interpretação dominante da teoria psicanalítica acerca da diferença sexual, ou seja, o modelo fálico castrado, à luz das mudanças ocorridas no campo das sexualidades nos últimos 50 anos.

Palavras-chave: Feminilidade; diferença sexual; sexualidade; psicanálise; cultura.

¹ Psicanalista, psicóloga do Serviço de Psicologia Médica e Saúde Mental do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, da UFRJ. Doutoranda em Saúde Coletiva no Instituto de Medicina Social da UERJ.

ABSTRACT

Femininity, between psychoanalysis and culture: building a concept

This paper is an attempt to analyse formulations of the concept of femininity in the work of three authors in the realm of psychoanalysis: Monique Schneider, Joel Birman and Monique David-Ménard. It aims at building up a new territory to think new forms of subjectivation in contemporary culture. Its main topics are: a critical approach to the centrality of the Oedipus and castration complex in the psychoanalytic theory; a new approach to the idea of erogenous body, with the objective of laying a metapsychological basis to the idea of “pulsional excess”; the suggestion to think subjectivation from an ethical and aesthetical point of view. It starts with a critique of the dominant psychoanalytic interpretation of the theory of sexual difference — the phallus-castrated model — in the light of the changes in sexuality in the last 50 years.

Keywords: Femininity; sexual difference; sexuality; psychoanalysis; culture.

RÉSUMÉ

Féminité, entre la psychanalyse et la culture: esquisses d'un concept

Cet essai tente d'analyser quelques formulations du concept de la féminité dans le travail de trois auteurs du domaine de la psychanalyse, lesquels sont Monique Schneider, Joel Birman et Monique David-Ménard. Il a pour objectif de tisser un nouveau territoire pour penser des nouvelles formes de subjectivation dans la culture contemporaine. Les principaux points analysés sont: une critique à la prééminence de l'idée d'Œdipe et du complexe de castration dans la théorie psychanalytique; une relecture de l'idée d'un excès pulsionnel; la proposition de penser la subjectivation à partir d'un modèle esthétique et éthique. Il part d'une critique de l'interprétation dominante de la théorie psychanalytique en ce qui concerne la différence sexuelle — c'est à dire, le modèle phallique castré, à la lumière des changements ayant eu lieu durant ces 50 dernières années.

Mots-clés: Féminité; différence sexuelle; sexualité; psychanalyse; culture.

Recebido em 31/5/00.

Aprovado em 26/6/00.

Deslocamentos do Feminino na Cultura Contemporânea

Em 1999 foram comemorados 50 anos do lançamento do célebre livro de Simone de Beauvoir, *O segundo sexo* (Beauvoir, 1980 [1949]), o qual pode ser considerado uma marca do surgimento do movimento feminista contemporâneo. Na ocasião houve vários debates, que se propuseram a avaliar a importância dessa obra nos destinos do movimento feminista na última metade do século, assim como os impasses da luta das mulheres pela conquista dos seus direitos. Porém, para além do debate político, pode-se considerar que a revolução feminina, uma das mais importantes revoluções do século XX, impôs uma mudança significativa na cultura, ou seja, na materialidade dos conflitos e desejos que constituem as relações humanas, exigindo uma nova reflexão sobre a questão da diferença entre os sexos. Assim, a radicalidade dessa mudança ultrapassa a esfera política propriamente dita e atinge em cheio o coração do cotidiano.

A própria frase que abre o livro — “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” — anuncia o deslocamento da naturalização do feminino, construída nos séculos XVIII e XIX, e introduz a necessidade de pensar a história das mulheres. Se na aurora da modernidade o corpo feminino, caracterizado a partir da “ênfase nos órgãos reprodutivos”, no “cérebro menor” e na “fragilidade dos nervos” foi utilizado para definir o lugar naturalmente inferior das mulheres na esfera social (Laqueur, 1994), hoje um novo esboço do feminino se constitui, para pensar uma nova forma de sociabilidade.

Neste sentido, a crítica ao modelo essencialista da diferença sexual se impõe nos mais diversos campos das ciências humanas. Não vivemos mais sob o império absoluto da dominação masculina, onde a mulher só tem lugar como objeto. Diante disso, observamos uma passagem: se antes a questão paradigmática era formulada a partir do que se constituía como um enigma (para os homens) — “o que quer a mulher?” —, hoje a questão que se apresenta no horizonte da nossa reflexão é: “como pensar a diferença de sexos?”

Assim uma nova experiência da cotidianidade se anuncia, configurando uma mudança significativa no mundo da vida. Os principais fenômenos constitutivos dessa mudança são: 1) a crise crescente no modelo da família nuclear, que pode ser observada na diminuição das taxas de fecundidade nos países ocidentais, na movimentação jurídica e cultural provocada por uma vertiginosa queda na nupcialidade e no aumento do número de divórcios e separações, provocando um novo desenho familiar; 2) a entrada progressiva

das mulheres no mercado de trabalho, exigindo uma redefinição dos papéis sociais de homens e mulheres; 3) a concretização da separação entre sexualidade e reprodução, tanto pelo advento da pílula anticoncepcional, como, mais recentemente, pela revolução tecnológica da reprodução assistida; 4) o surgimento de uma política de visibilidade da homossexualidade, que colocou na ordem do dia a discussão sobre novos contratos de união social; 5) a crise da identidade masculina.

Pode-se dizer que todos esses fenômenos provocaram uma crise nas referências simbólicas organizadoras da modernidade, principalmente a partir da ruptura das fronteiras homem-público e mulher-privado, configurando um novo *ethos* para pensar as sexualidades. Assim, não podemos considerá-los um somatório sociológico distante de cada um de nós; pelo contrário, eles fazem parte das formas da sociabilidade contemporânea e inauguram, segundo nosso ponto de vista, a positividade de novas formas de subjetivação. Entendemos subjetivação como sendo um processo de singularização no universo da alteridade. Universo de valores compartilhados que se constitui, não por uma ilusão transcendente, mas pela *praxis* da experiência cotidiana, pela forma de ser com o outro.

Como dissemos, o deslocamento do feminino gerou a necessidade de pensar a história das mulheres. Não é à toa que nas últimas duas décadas o tema invadiu o campo das ciências humanas, seja na reflexão sobre “sexualidade” e “gênero”, seja na reflexão sobre “a diferença sexual”. O principal eixo de análise é uma crítica ao modelo essencialista da diferença sexual dos séculos XVIII e XIX. Mas as análises se desdobram, desde a constatação da permanência da dominação masculina, com afirmação de que a sociedade continuaria organizada a partir de um sistema de hierarquia entre os gêneros, até a constatação da total desconstrução da diferença sexual, com o rompimento das antigas fronteiras identificatórias².

Pois bem: se isto tem algum sentido, como fica a teoria psicanalítica? É possível continuar utilizando a mesma como se nada tivesse acontecido nos últimos 50 anos? Como incorporar as mudanças históricas e culturais na própria formulação teórica, ou seja, na invenção de novos conceitos e no abandono de outros? Qual o estatuto, qual o efeito teórico do que se anuncia como uma crítica ao modelo vigente da diferença sexual? Não pretendemos responder a todas essas questões, apenas esboçar algumas idéias que se impõem como exigência de trabalho.

² Sobre este assunto, ver Loyola (1998).

Do nosso ponto de vista, apesar de as antigas representações do feminino e do masculino ainda se materializarem nas formas atuais das subjetividades, a abertura realizada pelo deslocamento do feminino provocou um abalo no universo fálico, possibilitando uma positivação de novas formas de subjetivação. Neste sentido não estaríamos mais nem num território ancorado pelo “nome do pai”, nem num terreno caracterizado pela total indiferença. O que observamos na clínica psicanalítica, na vida, nas relações amorosas, é a possibilidade da tessitura de um novo exercício da alteridade.

A questão fundamental é que o advento da mulher-sujeito provocou uma ruptura no modelo tradicional masculino de pensar a diferença, no qual o outro — eternamente feminino — assume o lugar de objeto e o Um-masculino se forja como universal. Porém, como afirma Geneviève Fraisse, não se deve ceder à tentação de opor o “outro” à “outra”, ou seja, propor uma teoria alternativa em que a denúncia do “falocentrismo” desembocaria na afirmação de um “genocentrismo”. Nas palavras da autora:

“Não é questão da posição da mulher face àquela do homem, nem da asserção de um feminino face a um masculino. A alteridade não termina entre dois seres ou entre duas qualidades, ela é levar em conta a historicidade da diferença dos sexos. E quem diz diferença diz bem diferindo (...)” (Fraisse, 1996: 115-116)³.

É nesta afirmativa que pretendemos basear nossa análise do conceito de feminilidade na teoria psicanalítica.

Feminilidade: um Novo Território para Pensar a Questão da Diferença na Psicanálise

A diferença sexual na psicanálise, conceito fundamental que determina a noção de simbólico, é uma versão masculina da diferença. Não precisamos de muitos argumentos para demonstrar como o desenvolvimento da idéia de castração na obra freudiana e a releitura lacaniana do falo se fundamentam nas principais idéias sobre a diferença sexual dos séculos XVIII e XIX⁴. A lógica que pressupõe a diferença, para esses autores, gira em torno da questão de ter ou não o falo. Assim, para Freud, o único destino possível

³ As traduções de todas as citações são de minha autoria.

⁴ Para um maior aprofundamento de tema, ver Nunes (2000).

para a sexualidade feminina é a inveja do pênis, tanto na sua versão “positiva”, a maternidade, como na sua versão “negativa”, a histeria e a virilização. Para Lacan, nas fórmulas de sexuação o lado feminino acaba sendo um limite interno do masculino: a mulher aparece como “não toda” inscrita na função fálica. Sendo assim, a mulher, com o seu estatuto de “não existência”, acaba por sustentar o lugar de enigma, e com isto a garantia da fórmula do desejo masculino⁵. É neste sentido que a castração pode ser considerada, como sugere Stein (1977), a própria “negação da feminilidade”.

Consideramos que uma abordagem atual, que leve em conta as mudanças ocorridas no campo da cultura sobre a questão da diferença, deve partir de uma crítica (ou mesmo de uma autocrítica) no que se refere ao modelo oficial da diferença sexual na psicanálise, ou seja, ao modelo fálico-castrado. Isto não apenas por uma questão política e ética, mas antes de tudo por uma necessidade teórica.

Neste sentido, propomos aqui a construção de uma problemática no campo da psicanálise cujo objetivo é recuperar o paradigma da feminilidade na obra freudiana, a fim de expressar e trabalhar o próprio limite da teoria psicanalítica (limite expresso por Freud no texto “Análise com fim e análise sem fim”, de 1937, onde a feminilidade aparece como uma “rocha de base” impossível de ultrapassar), para constituir a partir daí um novo campo de pensamento. Cabe salientar que não usamos a categoria de feminilidade para conceituar a sexualidade feminina propriamente dita. Usamos esta categoria para, a um só tempo, apontar o que foi recalcado (ou mesmo “expurgado”, como sugere Monique Schneider) por vários teóricos da psicanálise e sugerir novas possibilidades de pensar as subjetividades.

Esboçaremos algumas questões, tendo como referência a análise do trabalho de três autores sobre o tema da feminilidade. Os autores escolhidos são: Monique Schneider, Joel Birman e Monique David-Ménard. Cabe salientar que isto não significa dizer que esses autores sejam representativos de uma corrente que se constitui no interior do movimento psicanalítico, pois trata-se de produções que seguem trajetórias absolutamente singulares. Porém acredito que, se seus trabalhos forem comparados e analisados em conjunto, oferecem um terreno fértil para pensar a sementeira da feminilidade.

Os principais elementos de ligação entre essas obras, que justificam aproximação e análise, são:

⁵ Sobre este assunto, ver Neri (1999).

1. uma crítica à centralidade da idéia do Édipo e do complexo de castração na teoria psicanalítica, a qual se fundamenta no primado do falo e do recalque da feminilidade para os dois sexos;
2. uma releitura da idéia de corpo erógeno na teoria freudiana, com o objetivo de fundamentar metapsicologicamente a idéia de excesso pulsional, considerada fundamental para pensar a experiência subjetiva;
3. a proposta de pensar a subjetivação a partir do modelo da estética, tendo como paradigma o texto “Leonardo da Vinci”, de 1910, em que Freud contrapõe a idéia de sublimação à de recalque.

Apresentaremos a seguir alguns fragmentos do percurso teórico de cada autor, dando destaque ao que se refere à positivação da feminilidade na teoria psicanalítica.

Monique Schneider

A Tópica Freudiana da Feminilidade

A obra de Monique Schneider pode ser considerada uma crítica minuciosa à herança patriarcal da psicanálise, mais precisamente à idéia de função paterna, que se fundamenta na clivagem entre masculino-espírito-cultura e feminino-natureza-sensorialidade. No seu último livro, *Généalogie du masculin* (Schneider, 2000), a autora retoma idéias já desenvolvidas nas suas obras anteriores — por exemplo, *De l'exorcisme à la psychanalyse, Le féminin expurgé* (Schneider, 1979) e “*Père ne vois-tu pas...?*” (Schneider, 1985), entre outras —, cuja tese fundamental é que o masculino como emblema da cultura se fundamenta num afastamento do mundo sensível. Neste sentido, através de estudos em filosofia, história e antropologia, pode-se perceber como o masculino também é uma construção social, e não é evidente que a subjetivação só possa ser pensada a partir da separação da mãe, realizada pelo pai.

Assim, pensando o feminino como um *topos* subterrâneo à elaboração oficial sobre a sexualidade feminina, Monique Schneider realiza um trabalho de desvelamento do que seria a tópica freudiana da feminilidade⁶. Segundo a autora, se na versão oficial da psicanálise a mulher é definida a partir da

⁶ Essas idéias foram desenvolvidas no Seminário *Feminité — paradigme freudienne*, realizado na Société de Psychanalyse Freudienne, Paris, em 1997-1998.

perspectiva da falta ou da castração, nas entrelinhas da teoria freudiana pode-se encontrar referências ao feminino fora do paradigma do masculino, ou seja, tendo como referência a idéia de excesso. A partir de uma leitura crítica do subtexto freudiano, a autora recupera a metáfora da “aceitação”, do “atravessamento”, da “admissão” (*Aufnahme*), no interior de si, de um “corpo estranho” como sendo o paradigma da feminilidade e do próprio processo do acontecer psíquico. Schneider privilegia a análise dos textos “Estudos sobre a histeria” (1893-1895) e “Interpretação dos sonhos” (1900), mais especificamente os casos clínicos e os sonhos propriamente ditos, para explorar a metáfora da abertura, ou seja, a experiência traumática, descrita nos primeiros textos freudianos como uma experiência afetiva que invade e constitui o eu. Nas suas palavras:

“Nascida desta brecha, pela qual o mundo exterior procedeu à irrupção em mim, a doença psíquica guardará sempre o signo dessa exterioridade que se mantém sob a forma de uma violação perpetuada do sujeito. O incidente não é somente o que desencadeia, porquanto seria somente ‘agente provocador’. Em vez de se apagar diante do sintoma ao qual ele terá dado à luz, se incrusta no sujeito que vive em estado de traumatismo contínuo ou de ‘afeto sujeitado’. Melhor dizendo, escreve Freud, ‘o traumatismo psíquico e, conseqüentemente, sua lembrança, agem como se fossem um corpo estranho que, durante muito tempo depois de sua irrupção, continua a desempenhar um papel ativo’ (S. Freud, *Etudes sur l’Hystérie*: 4)”. (Schneider, 1994: 15).

Neste sentido, a neurose se constituiria como efeito “desta penetração no sujeito de uma exterioridade insustentável” e, como conseqüência, a psicoterapia da histeria se caracterizaria basicamente pela permissão da circulação do estrangeiro no plano transferencial, sendo que a cura se daria na medida em que o sujeito pudesse acolher no interior de si “uma representação intolerável”. Assim, o momento central da análise estaria na idéia de “admissão”, ou seja, na possibilidade de deixar entrar algo de novo no interior do eu.

Podemos perceber que Schneider enfatiza veementemente a importância de compreender a idéia de admissão (*Aufnahme in das ich*) como sendo uma incorporação — isto é, a possibilidade da vivência afetiva, *a posteriori*, de uma experiência traumática, seja real ou ficcional, da primeira infância.

Destaca, assim, que se perde a força desta palavra ou deste movimento quando se traduz “*Aufnahme in das ich*” por “tomada de consciência”. Nas suas palavras: “Reconhecer, admitir uma representação, não é objetivá-la; é, pelo contrário, decifrar em si o afeto correspondente, movimento sem o qual a adesão pela crença não se poderia produzir” (Schneider, 1994: 97-98).

Assim sendo, a autora delega ao “estranho estatuto do investimento afetivo” o valor de verdade. O simples saber reflexivo e intelectual não basta, é necessária “a dissolução da distância representativa” para que se opere um efeito psíquico. Esta seria a principal tese da experiência freudiana dos primeiros tempos, na qual haveria, segundo a autora, uma conjunção entre o psiquismo e o feminino.

A Teorização Freudiana como um Processo de Denegação do Feminino

Mas se na origem da experiência psicanalítica podemos encontrar a sementeira da feminilidade, é contra ela que, segundo Schneider, Freud vai erguer sua “fortaleza teórica”. O gesto inaugural desse empreendimento seria o abandono, por parte de Freud, da sua “neurótica”. Gesto relatado nas cartas 69, 70 e 71 (setembro a outubro de 1887), endereçadas a Fliess, em que Freud explicita, a partir da sua auto-análise, o abandono da teoria da sedução.

Na análise detalhada da seqüência de cartas (Schneider, 1980), podemos observar de forma condensada o relato do que pode ser considerado uma virada no pensamento freudiano que vai marcar, pelo menos, os próximos 15 anos da sua elaboração teórica. Schneider destaca que no momento em que Freud encontra na sua auto-análise a figura feminina de sua babá como sendo responsável por sua sedução originária, em vez de atribuir à mãe o que vinha delegando ao pai, Freud prefere abandonar a teoria da sedução como origem da neurose. Nada melhor do que o próprio texto freudiano para revelar a consistência dessa hipótese:

“Só posso dizer, resumidamente, que o Velho [seu pai] não teve papel ativo no meu caso. Mas que sem dúvida fez uma inferência sob, por analogia, a partir de mim mesmo, pois minha ‘causante’ foi uma mulher feia e velha, mas esperta, que me contou a respeito do bom Deus e sobre o inferno e que me deu uma opinião elevada sobre minhas próprias capacidades (...). Das cenas mesmas que estão no funda-

mento desta história, ainda nada sei. Mas se elas fossem elucidadas, eu conseguiria solucionar minha própria histeria, eu guardarei daquela velha uma lembrança de quem em uma época muito precoce me ofereceu os meios para viver e sobreviver” (Freud, 1994 [1897], v. 1: 301-307).

É nessas palavras que Schneider vai fundamentar a radicalidade de sua tese. Para a autora, a possibilidade de constituir uma história singular a partir das experiências traumáticas da primeira infância é abandonada por Freud em nome de um empreendimento teórico universalizante: o complexo de Édipo.

“(…) Verifiquei, também em meu caso, a paixão pela mãe e o ciúme do pai e agora considero isto um evento universal do início da infância, mesmo que não tão precoce como nas crianças que se tornam histéricas” (Freud, *op. cit.*).

Essa atitude de Freud marcaria, segundo a autora, a relação de Freud com o prazer. A hipótese sugerida é que se num primeiro momento a experiência traumática do prazer excessivo aparece como fundante do sujeito, a partir do Édipo Freud teria inaugurado o empreendimento de domínio do prazer. Assim, o próprio exercício de teorização poderia ser pensado como uma necessidade de dominar a experiência de prazer inicial — “fonte de vida e morte” — em nome da autoconservação.

Neste sentido, a experiência de prazer propriamente dita é substituída pela idéia científica do princípio do prazer, regulador das intensidades. Se antes a satisfação era descrita a partir de uma experiência, agora a satisfação segue uma regra e é considerada aquilo que satisfaz uma necessidade. Esta seria a diferença entre os textos “Três ensaios...” (1905) e “Pulsões...” (1915), por exemplo. No primeiro, a satisfação é descrita como a “excitação causada pelo fluxo de leite quente nos lábios do bebê” e no segundo é definida como a “anulação do estado anterior de desprazer”. Como insiste a autora, a idéia do domínio do prazer vai ser uma constante na obra freudiana, porém sempre será abalada pela experiência clínica e só será reformulada a partir da elaboração da pulsão de morte, que ultrapassará as tentativas de estabelecer fronteiras entre sujeito e objeto, dentro e fora, o eu e o mundo.

Experiência de Prazer, Experiência Alteritária

É no campo da estética que Monique Schneider sugere pensar que a clivagem entre o registro masculino do domínio da excitação e o registro feminino da passividade perde sua eficácia. Para a autora, isto pode ser observado quando Freud descreve a troca que se estabelece entre o artista, a obra e o destinatário, tanto no texto “Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci” (1910) como em “Moisés de Michelângelo” (1914). O movimento de deixar-se seduzir pela obra, que define a própria experiência estética, é ressaltado por Freud como um rompimento de fronteiras. Movimento que se torna possível a partir da impossibilidade do entendimento, aí onde a sedução vai marcar uma “relação singular com a obra de arte”. É no momento em que Freud diz “sucumbir ao charme” que a autora sugere pensar uma nova relação de Freud com o prazer.

“Se as minhas deduções provocaram, mesmo entre os amigos e conhecidos da psicanálise, a opinião de que escrevi nada mais do que um romance psicanalítico, responderei que eu mesmo não exagero na certeza de meus resultados. Como tantos outros, sucumbi ao charme que irradia deste grande e enigmático homem, em cujo ser se crê sentir poderosas paixões de índole pulsional, que apenas permitem uma exteriorização estranhamente ensurdecedora” (Freud, “Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci” [1910], citado por Schneider, 1994: 206).

A experiência alteritária por excelência seria “deixar-se atravessar pelo outro”, experiência constitutiva do sujeito, que segundo Schneider pode ser encontrada em Freud na teoria da sedução, nos textos clínicos e nos textos sobre a estética. Assim, a idéia de “receber o outro dentro de si” pode ser pensada como sendo o paradigma da feminilidade na obra freudiana, e neste sentido a metáfora privilegiada para pensar a subjetivação. Enfim, para melhor demonstrar a importância dessa formulação, no livro *La part de l'ombre* (Schneider, 1982) podemos vislumbrar, através das idéias de trauma, sedução, afeto e excesso pulsional, esse lugar da feminilidade no percurso clínico de uma experiência analítica.

Joel Birman

Metapsicologia e Pulsão

Com o objetivo de melhor compreender a importância conferida ao conceito de feminilidade na obra de Joel Birman nos últimos anos, é necessário explicitar o percurso teórico de sua elaboração. A primeira questão que salta aos olhos e constitui o fio da meada de seu percurso teórico é a importância que o autor atribui à virada freudiana dos anos 20, com a ênfase no conceito de pulsão. Para Birman, podemos observar ao longo do percurso freudiano relações diferenciadas entre os conceitos de pulsão e de representação, configurando formas distintas de pensar o psiquismo. Considera que, se no ato inaugural da psicanálise a problemática do excesso pulsional estava presente na figura da histérica, a tentativa de afirmar a psicanálise como ciência se fez a partir de um certo afastamento deste registro. Em “Interpretação dos sonhos” (1900) e “Três ensaios sobre a teoria sexual” (1905), Freud só considera a força pulsional na medida em que esta se inscreve no campo da representação. Desde então, o conceito fundamental da teoria psicanalítica veio a ser o inconsciente, sendo a técnica da interpretação o modelo clínico predominante.

Porém, segundo Birman, nos anos 20 não apenas a experiência clínica mas também o contexto traumático dos anos de guerra fizeram irromper novamente a necessidade da elaboração sobre a força pulsional, principalmente através da experiência da compulsão à repetição. Assim, no texto “Pulsões e destinos das pulsões” (1915), Freud começa a conceber uma “relativa autonomia da pulsão face ao campo da representação” (Birman, 1996: 17), radicalizando esta premissa em “Além do princípio do prazer” (1920), onde, segundo o autor, o projeto científico da psicanálise teria sido posto definitivamente em questão. Pensar a pulsão sem representação é trazer para dentro do aparelho psíquico um lugar de indeterminação e, neste sentido, “enunciar o que existe de trágico na condição do sujeito na modernidade” (Birman, 1996: 91).

O Corpo-Sujeito

Dando continuidade a esta idéia, para Birman a importância do texto “Pulsões...” não está apenas em postular pulsão como força, mas também em pensar uma “genealogia do sujeito”. A primeira forma de ser sujeito

seria descrita a partir dos primeiros destinos da pulsão — a transformação de atividade em passividade e o retorno sobre a própria pessoa. Neste sentido, a “primeira” inscrição da pulsão daria origem a um corpo caracterizado pela experiência do auto-erotismo.

É importante destacar que o retorno à idéia freudiana de corpo erógeno se impõe aqui com a força de uma crítica à teoria psicanalítica atual no que se refere à tradição inglesa e à tradição lacaniana, as quais, segundo o autor, abandonaram a dimensão corpórea, cara à psicanálise, em nome de postulações sobre o ego, ou mesmo sobre o campo dos significantes. Para o autor, uma leitura atenta da metapsicologia freudiana nos permitiria radicalizar a crítica ao dualismo cartesiano que separa mente e organismo, ou mesmo psíquico e físico, concebendo o corpo pulsional como uma marca epistemológica importante para pensar a subjetivação fora das amarras da psicologia da consciência ou do reducionismo organicista.

Assim, Birman propõe analisar como o discurso freudiano concebe uma “cartografia do corpo” a partir, justamente, da possibilidade de pensar a “autonomia relativa do registro da pulsionalidade”⁷. Para isso destaca o enunciado freudiano, presente no texto “O ego e o id” (1923), onde Freud diz que “o eu é antes de tudo um eu corporal”, ou seja, “não é um ser de superfície, mas é ele mesmo a projeção de uma superfície” (Birman, 1997b). A partir desta frase se poderia conceber o corpo como um destino da pulsão. O movimento inicial da pulsão seria a descarga absoluta, mas na medida em que essa força encontra um outro que possa servir de amparo, se estabelece a possibilidade de uma ligação que provocaria um retorno em direção ao organismo, fundando neste o traçado de um corpo. Esta experiência alteritária originária nos permitiria vislumbrar uma engrenagem entre pulsão e objeto, responsável pela constituição do que Freud, em “Três ensaios sobre a teoria sexual infantil” (1905), chamou de sexualidade perversopolimorfa.

Para melhor compreender esse registro, Birman destaca o conceito freudiano de “eu real originário”. A novidade dessa elaboração freudiana estaria em acrescentar ao texto “Formulações sobre os dois princípios dos acontecimentos psíquicos” (1911) — onde Freud postulou o “eu prazer/desprazer” e o “eu-realidade definitivo”, regulados respectivamente pelo princípio do prazer e pelo princípio da realidade — o registro do eu real originário, que seria regulado por um além do princípio do prazer. Assim:

⁷ Seminário *Corpo e Feminilidade* 1, IMS/UERJ, 1º semestre de 1996.

“O eu real originário é a contrapartida no registro do sujeito da dimensão quantitativa da pulsão. Com isso, a pulsão como força constituiria uma figura originária do sujeito, que se caracterizaria pela fugacidade, pela inconstância substancial e pela temporalidade do instante. Nestes termos, o eu real originário teria a possibilidade de exercer o trabalho de negatividade e de potência do negativo, face às estruturas substantivas do sujeito, justamente porque é permeada pela força constante” (Birman, 1996: 11).

A materialidade do eu real originário estaria justamente na possibilidade de pensar o registro de um conjunto de traços, impressos pelo retorno da pulsão, como dissemos anteriormente, mas que assim permanecem, ou seja, não necessariamente adquirem forma de inscrição significativa, constituindo uma fonte permanente de exigência de trabalho. Neste sentido, a partir de Freud, pode-se pensar que o “traço básico do sujeito é o desamparo”.

A articulação entre a materialidade da pulsão e o eu real originário traz à tona, segundo Birman, a necessidade de pensar a experiência do afeto, expressa por Freud na metapsicologia, como uma experiência de quantidade. Freud já havia postulado esta região de fronteira, onde não há dentro nem fora, nem diferença entre sujeito e objeto, quando, na “Interpretação dos sonhos” (1900), propôs o conceito de consciência-percepção para designar um atravessamento da pulsão, no sentido perceptivo, antes mesmo da possibilidade da sua significação propriamente dita. Recuperar essa idéia, através do conceito de afeto, se torna fundamental, segundo o autor, para conceber o próprio erotismo, no qual os traços originários permaneceriam pulsantes.

Enfim, esta experiência de afetação, que é a própria experiência do erotismo, fez com que Birman aproximasse a psicanálise da arte. Assim, em *Por uma estilística da existência*, o autor procurou aproximar a experiência estética da literatura, do cinema e da pintura, da experiência psicanalítica, com o objetivo de “reencontrar a dimensão de *poiesis* presente no ato analítico” (Birman, 1996: 11). Neste sentido, a experiência estética da afetação serviria de referência para pensar a possibilidade da mobilidade pulsional e, com isso, a transformação do psiquismo, ou seja, o próprio desenvolvimento de uma análise.

Positivando a Feminilidade

A metapsicologia da pulsão e a dimensão afetiva do eu real originário serviram como base para construir o conceito de feminilidade. Para o autor pode-se dizer, com Freud, que a feminilidade é a base da experiência analítica. O percurso de uma análise levaria o sujeito a uma experiência de desamparo, na medida em que a saída de uma posição masoquista diante do outro, posição emblemática da neurose, faria o sujeito perder a sua referência fálica e se deparar necessariamente com a angústia do real que o constitui. Assim, a desfalicização pode ser pensada não mais pela metáfora da castração, o que implicaria entrar na lógica de ter ou não o falo, mas sim pela assunção da feminilidade. Esta última nos permitiria abrir caminho para o erotismo e a sublimação.

Para Birman, o território da feminilidade corresponderia justamente ao oposto do registro fálico na tradição psicanalítica. Isto porque, como disse Freud em “Análise com fim e análise sem fim” (1937), a feminilidade seria a fonte de uma experiência psíquica marcada pelo horror produzido pela perda da referência fálica. O território erógeno da feminilidade pressupõe uma experiência “de aventura e de risco”, já que necessariamente o sujeito se confronta com o seu desamparo. Porém, em Freud, este registro foi postulado apenas na sua negatividade, como sabemos. Em *Cartografias do feminino* (Birman, 1999), o trabalho do autor é “se aventurar” a dar a esse registro uma positividade. Nas suas palavras:

“Por isso mesmo confiro aqui positividade à feminilidade, apesar das ambigüidades de Freud no que concerne a isso, já que se referia à oposição visceral das subjetividades: a feminilidade como espécie de limite biológico da condição humana, o rochedo da castração. É para levantar o véu da negatividade em relação à feminilidade que me volto aqui, na medida em que vislumbro nesta o solo fundamental da experiência psicanalítica” (Birman, 1999: 12).

Se a feminilidade nos permite vislumbrar uma forma de erotismo não-fálico, que tem como base o registro do eu real originário, o sujeito que pulsa, a sublimação permite que o autor desenvolva a idéia no sentido do que seria uma inscrição psíquica, ou seja, uma forma de subjetivação. Cabe salientar que para Birman a sublimação é um conceito obscuro na teoria psicanalítica; sua utilização parte, em geral, de uma idéia fundamentada mais no senso

comum do que propriamente em uma elaboração teórica. Isto porque o lugar onde supostamente Freud teria trabalhado este conceito ficou apenas como uma indicação, ou seja, como um destino da pulsão diferente do recalque, já que o texto escrito na “Metapsicologia” perdeu-se. Assim, a leitura do conceito de sublimação em Freud exige necessariamente uma interpretação dos seus esparsos aparecimentos ao longo da obra.

Seguindo este raciocínio, para Birman haveria duas teorias da sublimação na obra freudiana. A primeira, anunciada no texto “A moral sexual civilizada e a doença nervosa dos tempos modernos” (1908) — aqui, a sublimação seria um processo de simbolização a serviço da civilização. Com a necessidade da inserção do indivíduo no mundo civilizado, o processo sublimatório exigiria a repressão da sexualidade perverso-polimorfa e, neste sentido, a própria dessexualização. A sublimação seria um destino da pulsão onde se daria uma mudança de alvo, com a manutenção do objeto de investimento. Porém, a partir das mudanças na teoria freudiana em relação à teoria das pulsões, e sobretudo a partir da constatação de que a simbolização no sentido da criação não poderia perder em erotismo, Freud teria modificado a sua teoria sobre a sublimação. No texto sobre Leonardo da Vinci, em 1910, ele esboça a idéia de que a sublimação é um destino da pulsão no qual não há recalque, ou seja, a sublimação seria uma passagem direta da sexualidade perverso-polimorfa para a representação. É assim que Birman afirma existir uma segunda teoria da sublimação: esta última passa a significar um “a mais” de erotização, justamente pela possibilidade da mobilidade pulsional. Nas suas palavras:

“Seria, pois, a perversão polimorfa, forma originária do sexual, a matéria-prima para a realização do ato da criação, que seria aquele que se plasmaria num objeto de criação” (Birman, 1998: 94).

Assim, sublimação significaria um destino da pulsão em que o alvo se manteria, mas com uma mudança de objeto. Para melhor vislumbrar a relação entre feminilidade e sublimação, Birman propôs uma comparação entre o ensaio freudiano de Leonardo da Vinci (1910) e o caso Schreber (1911)⁸. Destaca que nos dois textos Freud trabalha as mesmas questões, sendo um o avesso do outro. O que importa salientar é que tanto em Leonardo como em Schreber pode-se dizer que o que se destaca na compreensão das

* Seminário *Corpo e Feminilidade II*, Espace Analytique, Paris, 13/2/98.

diferentes formas de subjetivação é o destino que cada personagem deu à sua feminilidade. No caso de Leonardo, a interpretação freudiana da sua ligação com a figura materna é vivida de forma positiva, justamente pelo recurso da sublimação. A sexualidade perverso-polimorfa se apresenta nos quadros de Leonardo como um ato criativo, passível de ser compartilhado. É justamente pelo fato de o artista viver sua feminilidade de forma erotizada, ou seja, pela possibilidade da transformação da pulsão sem recalque, que o gênio Leonardo pode criar.

Já no caso Schreber, o que se passa é justo o oposto. Freud descreve o desenvolvimento de uma paranóia justamente pela defesa contra o que seria uma posição fantasmática homossexual. Ou seja, segundo Birman, a paranóia, considerada o emblema fálico por excelência, se constitui onde a assunção da feminilidade fracassa. O que faz com que a experiência alteritária se torne impossível. Neste sentido, no que se refere à clínica, pode-se pensar a subjetivação a partir da experiência da feminilidade. Sublimação e paranóia: dois destinos possíveis e radicalmente opostos para a pulsão.

Carmem nos Anos 80: “Cheguei Finalmente”

Esta elaboração positiva da feminilidade nos permite perceber uma nova manifestação do feminino nos anos 80. Através da análise da nova Carmem que aparece nos filmes de Godard, Saura e Rosi, Birman mostra como as mulheres puderam emancipar-se dos atributos fálicos que fizeram do seu ser a imagem da mãe ou da prostituta. Neste final de século, segundo o autor, existe a possibilidade histórica de as mulheres assumirem novamente o destino dos seus desejos.

“Com isso, o desejo feminino pode passar a existir, fazer-se verdade. Ultrapassando a sua condição de nada, ao atingir a existência e o reconhecimento pleno, de fato e de direito, o desejo da mulher pôde ser reconhecido na sua pureza, em identidade de condições com o desejo masculino” (Birman, 1999: 93).

Assim, os atributos femininos da sedução e da sensorialidade podem ser vividos fora da captura fálica da mulher fatal e assumir outros caminhos “marcados visceralmente pelo registro lúdico” (Birman, 1999: 94). Neste sentido, a figura da Carmem dos anos 80 condensa a experiência da tragédia, do imprevisível do sexual, ao mesmo tempo em que permite o exercício

do erotismo como festa, alegria e brincadeira. Neste terreno se poderia pensar, segundo o autor, uma nova forma de diferenciação entre os sexos, onde ser “femininamente mulher” exige ser também “femininamente homem”. Sendo que, em igualdade de condições, o encontro sexual estaria marcado pela diferença como singularidade.

Monique David-Ménard

O Prazer no seu Excesso: Freud e sua “Ficção Quantitativa”

No livro *Tout le plaisir est pour moi* (2000), Monique David-Ménard desenvolve suas principais idéias a partir da descrição da experiência psicanalítica clínica. O deslizamento entre o relato de casos que aparecem como *flashes* transferenciais e a própria teoria nos faz perceber a especificidade da prática e do pensamento psicanalítico. Para a autora, a psicanálise é uma prática que aborda os seres humanos tanto no que se refere à sua existência quanto ao seu pensamento, a partir da experiência do prazer, do desprazer e da angústia. Ela recorre a duas dimensões da energética freudiana para enfatizar sua tese.

A primeira delas é a do “Projeto para uma psicologia científica” (1895), quando Freud propõe que um excesso é o motor que leva à constituição da alma-aparelho. David-Ménard destaca a formulação freudiana da experiência de prazer como uma descarga motora, após a qual há uma extinção momentânea do pensamento. Assim, não só as representações podem sempre ser tragadas pela alucinação que as constitui, mas a experiência de prazer excede toda representação.

A segunda dimensão é a experiência plástica do gozo, na histeria, experiência que nos revela, de modo transparente, a dimensão da *Darstellung* (presentificação) freudiana⁹. Esta deve ser compreendida como imagem motora, diferentemente da idéia de *Vorstellung* (representação), fortemente relacionada à lingüística, à psicologia e à filosofia tradicional, acabando por transmitir uma idéia de depuração do afeto. A autora faz questão de destacar que Freud descreve o ataque histérico como “fantasias traduzidas em linguagem motora, projetadas sobre a motilidade e figuradas como uma pantomima” (Freud, 1909). Neste sentido, para a autora não é possível ler

⁹ Esta idéia foi amplamente desenvolvida no livro *L'hystérique entre Freud et Lacan* (David-Ménard, 1993).

Freud a partir da dicotomia entre físico e psíquico. Diferentemente do que ocorre na tradição filosófica, que pensou o prazer como uma irracionalidade da experiência humana, oposta à idéia de razão, a teoria psicanalítica pretende pensar o prazer no seu excesso, sem que este se oponha ao pensamento. Muito pelo contrário: como frisa David-Ménard, o próprio pensamento é concebido por Freud como um destino da pulsão, trazendo em si a contingência do real que o constitui. Assim, nas suas palavras: “a grande novidade da psicanálise é que ela define a singularidade dos seres humanos pela maneira pela qual eles abordam o prazer em seu excesso” (David-Ménard, 2000: 37).

A isto a autora acrescenta que, no decorrer do percurso freudiano, podemos apreender duas formas de conceber a singularidade humana no seu excesso: uma se relaciona à idéia de uma clivagem do eu, sempre pensado em termos tópicos; outra, à própria formulação da pulsão como força constante. Se Freud, no início da sua obra, teria pensado as duas dimensões da subjetividade humana em separado, podemos perceber que em 1920, em “Além do princípio do prazer”, a experiência da repetição na transferência vai dar outros destinos a esta elaboração. Como sabemos, nesse texto Freud descreve a ambigüidade da repetição nas neuroses traumáticas, nos jogos infantis e na experiência teatral dos adultos. Trata-se de compreender como, na mescla de *thanatos* e *eros*, se configuram as diversas formas de subjetivação. Para a autora, nessas três modalidades pode-se conceber a pulsão de morte como o que caracteriza o trauma, para além do princípio do prazer, mas também o próprio prazer como excesso, na medida em que este último é sempre polarizado pela busca da identidade com a primeira satisfação, ou seja, com uma alucinação que marca o outro dentro de si. Assim, para Monique David-Ménard:

“Toda a psicanálise pode ser definida como espaço comum, descoberto graças ao conceito de repetição transferencial nestas três experiências [citadas acima] (...). É por isso que a psicanálise se situa entre terapia e cultura” (David-Ménard, 2000: 24).

Alteridades

Outra idéia que consideramos relevante na obra de David-Ménard é a sua interpretação do estatuto do outro no pensamento freudiano. Para a autora, desde sempre a alma-aparelho foi pensada por Freud na sua relação

com o outro. No artigo intitulado “Ce que la psychanalyse change à l’acte sexuel, le lit de l’amour et le lit de l’analyse” (David-Ménard, 1995), a autora já anuncia sua interpretação da noção de alteridade na psicanálise, tendo como referência o estatuto do *Nebenmensch* (o ser humano ao lado) no “Projeto...” (1895) e o estatuto do “*Das Unheimliche*” (o estranho-familiar), texto de 1919. Se pensarmos na tese lacaniana do objeto como interno ao desejo ou como uma estrutura constante, inassimilável, ao ler David-Ménard temos a impressão de que o outro é concebido muito mais em termos de presença do que propriamente de ausência, como seria para Lacan. Neste sentido, a autora propõe pensar o outro no seu caráter sempre ao mesmo tempo imaginário e real.

Essa invocação do outro freudiano pode ser resumida em três proposições destacadas em *Tout le plaisir...* (David-Ménard, 2000: 109). A primeira é a importância do desamparo infantil, que funda a alteridade para os humanos. A segunda, baseada no pressuposto de que a constituição da subjetividade se dá a partir das marcas impressas pelo outro na experiência de satisfação, é que a semelhança e a diferença entre os objetos alucinados e os objetos percebidos estabelecem uma articulação entre pensar e gozar. Enfim, a terceira proposição é que *das Ding*, para Freud, é um resto, o resto que escapa ao julgamento sobre o outro. Para a autora, a radicalidade freudiana não está em afirmar uma diferença substancial entre alucinação e pensamento, ou seja, entre processo primário e secundário. A radicalidade freudiana está em afirmar que a diferença entre alucinação e pensamento depende de uma mudança de regime na economia do aparelho. O princípio de realidade é compreendido como uma modificação interna ao funcionamento do princípio do prazer, e é aí que podemos localizar a idéia de alteridade em psicanálise. Nas suas palavras: “Por alteridade em psicanálise se entende a maneira pela qual cada um de nós constrói sua especificidade, saindo da visada narcísica do princípio do prazer” (David-Ménard, 2000: 117”).

A Diferença na Sexuação

No seminário intitulado *Identifications, Sexuation et Scènes Discursives*¹⁰, a autora procurou relacionar a concepção de alteridade des-

¹⁰ Seminário realizado no Laboratoire de Psychopathologie Fondamentale et Psychanalyse. Université Paris 7, 1998-1999.

crita acima com a idéia de diferença de sexos. Seu objetivo era comparar a assunção de uma posição que se poderia definir provisoriamente como masculina ou feminina, em relação a um outro estrangeiro-familiar, com a construção de personagens homens e mulheres que se realiza em cena, numa produção teatral. Para isto elegeu o trabalho de Héléne Merlin (1999) — que mostra como se realiza uma identificação sexual em cena, tanto na literatura libertina (*Guez de Balzac*), como nas tragédias cornelianas (*Horace* e *Le Cid*) — como pano de fundo para pensar alteridade e diferença de sexos na psicanálise. O efeito da superposição psicanálise-teatro foi a desconstrução da idéia de identidade fixa na teoria psicanalítica, já que a sexuação em psicanálise só pode ser pensada, segundo a autora, como endereçamento a um outro.

Assim, podemos pensar a sexuação em psicanálise — ou seja, a forma pela qual um sujeito se diz homem ou mulher — a partir de uma metapsicologia da substituição de objetos. Neste sentido não haveria diferença entre singularização e sexuação, já que ambos seriam processos oriundos da relação com o outro, desde sempre. David-Ménard destaca que, para Freud, “o objeto é o que existe de mais variável na pulsão” e pode mudar “tão freqüentemente quanto se queira” (David-Ménard, 1997: 10). Um belo exemplo disto é o relato encontrado nos *Carnets* em que Leonardo da Vinci descreve a beleza. Segundo a autora, o belo, para Leonardo, surge no momento em que a técnica do jogo de luz e sombra, por ele criada, consegue materializar a intensidade pulsional, ao expressar, ao mesmo tempo, a nitidez e a obscuridade das imagens. Assim, o estilo de Leonardo, o *sfumato*, substitui e transforma o prazer sexual imediato em criação de novos objetos pulsionais (David-Ménard, 1997: 8). Tendo por base esse argumento, poderíamos pensar que o caráter eminentemente variável dos objetos pulsionais não tem, para homens e mulheres, o mesmo destino, na substituição. A psicanálise pode reconhecer, através da experiência da transferência, os itinerários, sempre singulares, do percurso do desejo de cada sujeito e sua apropriação identificatória dos valores sociais do que uma sociedade entende por homem e mulher. Assim, tendo como referência o seu trabalho como analista, a autora formula a seguinte questão: “É possível pensar a sexuação a partir de uma lógica universal?”

Fazendo uma leitura crítica da proposição lacaniana das fórmulas de sexuação, David-Ménard afirma que, se por um lado a utilização da proposição negativa da teoria de Frege para se contrapor à lógica aristotélica pode ser considerada um avanço em relação às formulações psicanalíticas ante-

riores — pois permite pensar a sexuação como uma função lógica e não como uma ontologia, ou uma essência —, por outro, quando Lacan descreve o ponto impossível que polariza o encontro entre os sexos, ele faz “do feminino o limite interno do masculino” (David-Ménard, 1997: 113). Segundo a autora, dizer que a mulher é “não-toda na função fálica” não abre outra possibilidade de pensar a sexuação do lado feminino, pois esta proposição só existe enquanto negativa. Por isso mesmo a mulher vem a ser considerada por Lacan um excesso em relação à universalidade de uma determinação simbólica, mas este excesso não a faz passar à existência — “a mulher não existe”. O não-toda não é um ato, é antes a configuração de um enigma que em última instância se sustenta a partir do desejo masculino.

Assim, para David-Ménard, é possível interpretar de outra forma a proposição de que a mulher não é toda inscrita na função fálica. Pois o que define uma mulher, pelo menos na experiência de gozo, “é que ela não pode saber que o pênis não é o falo”. Ou seja, a experiência da “não-relação sexual” não implica necessariamente para a mulher a disjunção entre pênis e falo. O pênis é um objeto erótico, ela não tem que perder o pênis em nome de um emblema do simbólico. Neste sentido, uma mulher não simboliza as dificuldades do seu desejo pelo dispositivo da falta, que chamamos de castração. Para a autora, não é esse o modelo das vicissitudes do desejo feminino. Nas suas palavras:

“Se aceitamos a idéia de que uma fórmula escrita pode receber várias interpretações, podemos notar ao mesmo tempo que a nova interpretação do ‘não-toda’, só pelo fato de existir, contesta que a interpretação lacaniana do feminino como enigma seja uma verdade independente da posição sexuada do seu autor. Uma mulher não é enigma para ela mesma, mesmo que ela só possa ser imaginada como tal do ponto de vista do homem” (David-Ménard, 1997: 116).

Realizando uma análise crítica no campo da lógica formal, como Lacan propõe, a autora acaba por demonstrar que existem duas versões da não-relação sexual. Neste sentido a proposição não se sustenta nos próprios termos que apresenta para se fundamentar, o que implica ser o apelo ao universal uma construção subjetiva da posição masculina do próprio autor¹¹.

¹¹ Cabe salientar que é esta a principal crítica à idéia de universal desenvolvida nesse livro, onde, para a autora, “a consideração do universal apaga, ela mesma, o processo de sua própria produção” (David-Ménard, 1998: 67).

Uma posição feminina não pode “proliferar no horizonte como uma determinação negativa”. Assim, “o não-toda na função fálica se constitui mais como uma outra posição sexuada do que como um além, e essa outra posição sexuada não deixa intacta a própria função fálica” (David-Ménard, 1997: 113).

Neste sentido, no trabalho de David-Ménard a mulher passa à existência, na medida em que se concebe a positividade do percurso do desejo feminino, em oposição ao que se compreendeu classicamente como sendo o masculino, forjado como universal. Mas isto não significa propor uma nova interpretação essencialista da diferença entre os sexos, pois a realidade da posição sexuada é a-ontológica e só pode ser pensada como provisória, ou seja, como contingente.

“Trata-se de saber se, nos destinos de suas pulsões, nas substituições de seus objetos pulsionais, os indivíduos ‘mulheres’ e os indivíduos ‘homens’ atravessam o mesmo tipo de experiência. Dizendo de outra forma: se a limitação do princípio de prazer segue o mesmo curso nos dois casos (...)” (David-Ménard, 2000: 131).

A Positivização do Feminino

Como podemos observar em seu último livro (David-Ménard, 2000), é descrevendo trajetórias analíticas masculinas e femininas que a autora vai afirmar a impossibilidade de estabelecermos uma dissimetria entre homens e mulheres a partir de uma referência, pois a clínica psicanalítica (pelo menos a sua) mostra que indivíduos “mulheres” e indivíduos “homens” não atravessam necessariamente o mesmo tipo de experiências na substituição dos objetos pulsionais.

Na descrição do processo de cura de Alain Bourgeois (David-Ménard, 2000: 155), por exemplo, pode-se perceber que um indivíduo identificado com o que se chama “homem” pode viver a simbolização da diferença de sexos, ou seja, a abordagem do desconhecido do outro, através da experiência de posse e perda. A ameaça de castração pode-se ancorar na visibilidade do seu sexo e aí a operação pênis = falo pode significar uma forma privilegiada de substituição de objeto. Mas uma mulher não necessariamente representa a perda e a separação da mesma forma. No percurso da cura de Anne-Marie Tresse, a história é bem outra. Seguindo a elaboração da autora:

“A fonte representativa que lhe permite dar uma configuração a sua angústia é a imaginação do pior [que aparece num pesadelo] e não o jogo simbólico com um objeto cujas propriedades eróticas poderiam, ao mesmo tempo, figurar a diferença entre ausência e presença, entre ter e não ter. Uma mulher não pode saber que o pênis não é o falo. O falo é para uma mulher um termo imaginário ligado à fantasia da onipotência da mãe ou do pai, não é uma fonte simbólica que lhe permitiria representar, graças a uma parte do seu corpo, uma renúncia à onipotência narcísica. Uma mulher representa a perda e a separação por meios diferentes daqueles que servem para gozar com objetos do seu desejo. E o sonho de Anne-Marie Tresse inventa um cenário que combina os dois, que torna possível a passagem de um registro para o outro. A imaginação do pior dá o tom de um sofrimento agravado e deste material, que contém e limita o sofrimento, podem emergir, por humor, um ou dois objetos pulsionais” (David-Ménard, 2000: 155-156).

Esse é um dos exemplos de experiências subjetivas que podem ser compreendidos como uma desposseção, num terreno que não é o da falta mas o de alguma coisa que parece ser um desaparecimento de si. Surge então, de forma sublimatória, um novo objeto.

Finalmente é interessante destacar que, na conclusão desse livro, Monique David-Ménard afirma que pensar a diferença a partir de uma lógica fálica pode estar relacionado ao que se convencionou chamar posição masculina. Sem dúvida a sua insistência em pensar a fantasia como endereçamento a um outro desconhecido se apóia em uma trajetória fantasmática feminina, já que “o fantasma é o elemento de contingência do pensamento” (David-Ménard, 2000: 203).

Os Desafios da Afirmação da Alteridade

A partir de uma primeira análise do trabalho desses autores, podemos observar que a possibilidade de positivar a feminilidade na psicanálise está em realizar um deslocamento no interior da própria teoria, do campo da representação para o campo da vida pulsional. Este percurso só se torna possível porque Freud, mesmo que tenha trabalhado com a idéia de feminilidade como um continente negro, deixou a possibilidade de um desvelamento, como quer Birman, ou mesmo o registro de um subtexto, como diz Schneider,

o que torna possível reinscrever esse conceito de uma forma positiva, nos marcos da própria psicanálise. Mas se num primeiro momento é a leitura crítica da metapsicologia da pulsão que torna possível vislumbrar outros destinos para a feminilidade, só uma aproximação dos textos clínicos e dos textos sobre a estética, ou melhor ainda, só uma aproximação da clínica e da estética propriamente ditas possibilita a positivação desse conceito. É preciso trazer para dentro da teoria a contingência da própria experiência analítica, onde o indeterminado, o singular, o acaso, enfim, o diferente, possam ter lugar.

Nossa hipótese de trabalho é que podemos vislumbrar aqui um pensamento da alteridade que se constitui na tensão entre duas idéias:

1. pensar possibilidades de subjetivação tecidas pela singularidade de cada sujeito, que não necessariamente obedecem a um modelo transcendente, vertical e universal, fundamentado na exclusão do corpo. O que poderíamos chamar de feminino-singular;
2. dar à mulher um lugar de existência na cultura, pela possibilidade de pensar o percurso do desejo feminino como diferente do masculino. O que significaria dar ao outro, o diferente, um lugar de sujeito. Por uma questão histórica e política, seria esta a condição de possibilidade para pensar a mulher-sujeito.

Assim, tanto na idéia de feminino-singular como na idéia histórica de mulher-sujeito está condensado o que sempre foi excluído pela civilização ocidental, em nome do princípio de identidade. O feminino pode ser considerado o outro historicamente negado e recalcado, não apenas a partir do que se convencionou chamar de dominação masculina, mas também por uma forma de sociabilidade que se constitui a partir do domínio da natureza, seja do mundo real ou da natureza “dentro de si”. Em nossos termos, pode-se dizer que a civilização ocidental se constituiu a partir da exclusão da singularidade e da exclusão das mulheres. Esse gesto de positivação da feminilidade teria longo alcance, como crítica da cultura, e levaria às últimas conseqüências a tese freudiana do “mal-estar na civilização”, mostrando a que preço a civilização ocidental se construiu e ao mesmo tempo semeou o novo.

Para concluir, gostaria de dizer que é verdade que soa esquisito, como tenho ouvido em vários debates, falar de feminilidade ou de singularidade num mundo absolutamente massificado e dominado pela cultura do narcisismo.

Assim, mesmo que não seja possível a realização positiva da feminilidade na nossa civilização em ruínas, que fique como um esboço de utopia, “guardado numa garrafa”, à espera do futuro.

Referências Bibliográficas

- ARÁN, M. *A Diferença como singularidade: sobre a questão da feminilidade na obra freudiana*. Rio de Janeiro: IMS/UERJ, 1997 (Série Estudos em Saúde Coletiva, 156).
- BIRMAN, J. *Psicanálise, ciencia e cultura. Pensamento freudiano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- _____. *Por uma estilística da existencia: sobre a psicanalise, a modernidade e a arte*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- _____. *Estilo e modernidade em psicanalise*. São Paulo: Editora 34, 1997a.
- _____. *Le corps et l'affect en Psychanalyse. Une lecture critique du discours freudien*. In: *Che vuoi, Revue de Psychanalyste. Logique du Corps n° 7*. Paris: L'Harmattan, 1997b. p. 13-26.
- _____. *Erotismo, desamparo e feminilidade – Uma leitura psicanalitica sobre a sexualidade*. In: LOYOLA, M. A. (Org.). *A sexualidade nas ciencias humanas*. Rio de Janeiro: EdUERJ/IMS, 1998a. p. 93-132.
- _____. *A imaginação, a fantasia e o sublime em psicanalise: uma leitura de Eros e civilização de H. Marcuse*. *Physis - Revista de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 75-99, 1998b.
- _____. *Cartografias do feminino*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.
- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo. V. 2 A experiência da vida*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980 [1949].
- DAVID-MENARD, M.; FRAISSE, G.; TORT, M. (orgs.). *L'exercice du savoir et la difference des sexes*. Paris: L'Harmattan, 1991.
- _____. *L'hystérique entre Freud et Lacan: corps et langage en psychanalyse*. Paris: Editions Universitaires, 1993.
- _____. *Ce que la psychanalyse change à l'acte sexuel. Le lit de l'amour et le lit de l'analyse. L'acte sexuel. Revue Internationale de Psychopathologie*. Paris, n. 19, p. 383-398, 1995.
- _____. *Les constructions de l'universel - psychanalyse, philosophie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.
- _____. *Tout le plaisir est pour moi*. Paris: Hachette Littératures, 2000.
- DUBY, G.; PERROT M. *História das mulheres no Ocidente O século XX. V. 5*. Porto / São Paulo: Edições Afrontamento / Ebradil, 1991.

- FREUD, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1994.
- FRAISSE, G. *La différence des sexes*. Paris: Presse Université de France, 1996.
- LACAN, J. *Mais, ainda*. Seminário XX. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1985 [1975].
- LAQUEUR, T. *Making sex, body and gender from the Greeks to Freud*. Harvard: University Press, 1994.
- MERLIN, H. *Les troubles du masculin en France au XVII^{ème} siècle*. In: _____. *Le Masculin*. Paris, L'Harmattan, 1999.
- NERI, R. *Modernidade: o encontro histórico da Psicanálise com a histeria. Clarice Lispector e Marguerite Duras: o feminino como cultura da feminilidade*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia da UFRJ, 1999.
- NUNES, S. A. *O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha: um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade em Freud*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- SCHNEIDER, M. *De l'exorcisme à la psychanalyse. Le féminin expurge*. Paris: Retz, 1979 (Collection *Divergences*).
- _____. *Afeto e linguagem nos primeiros escritos de Freud*. São Paulo: Escuta,, 1994.
- _____. *Freud et le plaisir*. Paris: Denoël, 1980b.
- _____. *La part de l'ombre. Approche d'un trauma féminin*. Paris: Aubier, 1982.
- _____. *Père ne vois-tu pas...? Le père, le maître, le spectre dans l'Interprétation des rêves*. Paris: Denoël, 1985.
- _____. *Généalogie du MASCULIN*. Paris: Aubier, 2000.
- STEIN, C. *La mort d'Oedipe*. Paris: Méditations, 1977.